

# Das Fobias: o que não foi abordado pela Clínica Lacaniana

*Ricardo Diaz Romero*

Nos convidaram para um aniversário, o décimo, da Escola de Montevideu. Habitualmente, se vai a um aniversário com um presente.

Eu pensava qual poderia ser o meu. E o que eu encontrei para trazer foram algumas considerações que me propõe a clínica e a passagem pela teoria, buscando interlocução e crítica, em um lugar determinado, e não em qualquer lugar, a Escola de Montevideu, que constituía, se assim se pode ler, um reconhecimento e uma homenagem a estes dez anos de trabalho, nos quais temos participado, juntos, de muitas coisas.

O que vinha para contar-lhes é que me encontro numa dificuldade, com um problema. Um problema por achar-me colocado no lugar do encontro dos encontros.

Estaría situado em um lugar assim:

Sem. XIII

Por um lado, algumas coisas que me tem chegado trabalhando no Seminário XIII de Lacan, do qual me parece que pouca gente o tem lido.

É o Seminário que ele denominara "Objeto da Psicanálise" - de imediato, é um convite para introduzir-se nisso, animar-se com isso que é muito estranho, comovedor, que o destaca a um dos parâmetros lacanianos aos quais poderíamos estar habituados.

Trabalhando este Seminário, encontramos-nos com algumas coisas como esta: que Lacan apresenta sua topologia e diz que se trata de uma topologia que não representa a estrutura, senão que é a própria estrutura.

Disse que não é um campo de metáfora: é um campo de estrutura.

Pensemos um momento, acostumados como estamos a uma insistência, no ensino de Lacan, na qual a referência a uma estrutura do significante é permanente - até o Real está determinado pelo significante -, ouvi-lo colocando que vamos trabalhar sobre algo que não é da ordem da metáfora.

Não somente nós nos perguntamos acerca disso, mas também seus alunos - Lacan ali comenta: o que é isto de estar num campo fora da metáfora?

O responde deste modo: não só se trata de situar esta topologia, senão, além do mais, de nos situarmos a nós mesmos, como analistas - ou seja, nossa intervenção - situarmos-nos ali, atuando nessa topologia.

E diz: se ela não é metáfora, o que é? O que significa situarmo-nos enquanto sujeitos em uma referência que não é metáforica? Estou lendo Lacan, na reunião de 4 de maio de 1966.

Situarmo-nos no que já não é a metáfora do sujeito, é buscar os fundamentos da posição do sujeito, e não, em absoluto, em algum efeito de significação.

Não no campo do significante, senão no que resulta da própria combinatória.

Por outro lado, concorda-se, habitualmente, em reconhecer esse ensinamento da clínica que Lacan promove, como a consideração da divisão do sujeito firmada e referida a uma alteridade: ao Outro com maiúscula, outro com minúscula à olhada do Outro... Sempre, o outro.

E agora, não: nos introduz num campo onde o Outro não está.

A divisão é entre:

- um "sujeito puro", e
- os pontos de projeção relativos à visão.

Chama "sujeito puro" àquele considerado pela Filosofia como sujeito utilitário, isto para construir um certo campo de estrutura visual com uma combinatória entre:

- a) o "plano do mundo" (1);
- b) o plano que constitui a função da tela (2), na qual vem a projetar-se;
- c) todos os pontos do mundo (3) - alusão à Geometria projetiva - ;
- d) pontos que, na tela, dão conta das linhas que fazem necessário esse ponto de unificação. Linhas que necessitam confluir em um lugar, um lugar que, por isso, tem uma função unificante (4).

Que seja necessária a virtualidade deste lugar unificante, tem dado margem a que a Filosofia pense num sujeito unitário, o qual tem servido a todos os excessos.

Insisto: A divisão, aqui, é entre o "sujeito", que é esse lugar virtual, e os pontos de projeção.

Aqui me detenho um momento.

Estava lhes falando acerca de uma das vias desse encontro, que me tem colocado numa posição problemática.

Passo ao outro lado, à outra vertente.

Desde algum tempo, bastante tempo, encontro, em minha prática, alguns problemas nas curas daqueles aos quais chamamos fóbicos.

O que primeiro encontrei como dificuldade é que aquilo que designa, ou como se nomeia o objeto fóbico, se é colocado na cadeia significante como habitualmente se põe um sonho ou um sintoma; pois bem, não é o que ocorre ali.

Não tem nenhum efeito, como os efeitos que tem - repito - pôr um sonho ou pôr um sintoma.

Há muito que venho fazendo essa constatação.

Supostamente no começo pensei que eu não tinha a menor idéia de como se fazia isso; que fracassava ali por minha culpa.

Depois, comecei a pensar que seriam alguns pacientes...

Tenho insistido, com muitos de vocês, concordando com Lacan quando propõe, no Seminário IV, que "o objeto fóbico é um significante", "um significante opaco", "um significante para tudo", que "o cavalo é um significante". Insistia em pô-lo como um significante.

E não acontecia nada.

Verdadeiramente, tenho insistido muito nisso, e talvez o fracasso reiterado me tem feito voltar, muitas vezes, a esse lugar.

Este é o primeiro problema, na clínica, com as fobias. Continuo situando-os na outra vertente de encontros.

Um segundo e um terceiro problema venho a encontrar ali.

O segundo é que, mais uma vez não somente eu, não só muitos de vocês - os que tem ouvido falar disto - mas também Lacan, quando lhe indagam se a fobia pode ser considerada como uma estrutura - não lhe perguntaram por "uma estrutura", assim eu o leio -, se a fobia pode ser considerada uma entidade clínica isolável, disse que não, que não é.

Ele responde: "Não se pode ver ali uma entidade clínica - isto pertence a "de um outro ao Outro"- mas, sobretudo há que se considerar a fobia como uma placa giratória, como isso que faz mudar de caminho, algo que deve ser elucidado em suas relações, onde ela virá no mais comumente, a dizer, em sua relação com a história ou com a neurose obsessiva".

A fobia, girando como "plaque tournante", como placa giratória, fazia a histeria ou fazia a obsessão.

E acrescenta: "Não se trata de algo que seja isolável desde o ponto de vista clínico, senão de uma figura clinicamente ilustrada, um modelo - fala da fobia como "modelo Restallante" - que está em contextos infinitamente diversos".

Aqui Lacan nega a possibilidade de considerar a fobia como uma estrutura.

No Seminário que chamou "Os nomes do pai" havia chamado minha atenção que, tendo colocado o significante fóbico como metáfora em todo o Seminário IV, e mantê-lo como tal em outras intervenções, dizia ali: "Não é verdade que o animal, o cavalo, apareça como metáfora do pai a nível da fobia - não é verdade que seja uma metáfora. A fobia não é mais que um retorno" - usa a mesma palavra que para dizer "retorno a Freud" -, não é mais que um retorno.

Trago aqui essas referências porque achei que vinha efetuando minha prática, em relação à fobia, apoiado neste conceito da "placa giratória".

Aparecia a fobia, e era, então, questão de aguardar; a partir da construção do objeto fóbico, o do que se dizia mais adiante acerca desse medo.

De imediato, entrava pela via da histerização ou da obsessão, e seguia esse caminho e assim prosseguiram algumas análises.

Mas aí aparece o segundo problema que lhes mencionava.

No momento em que uma análise prosseguia o suficiente para aquele que estava ali como analisante sofresse as experiências da queda, como a chama Lacan - a queda do Sujeito suposto Saber, a queda do objeto a, a queda do ser -, nesses momentos, o que sucedia era que se reinstalava - essa é minha experiência -, se reinstalava a fobia como no começo.

Me dava a impressão de que se tratava, ali, de uma estrutura que jamais havia sido tocada.

Não era o mesmo que sucede quando vai terminando uma análise, que se reinstalam os sintomas ao começar a cair a transferência - se reinstalam os sintomas que haviam sido substituídos por ela.

Não se tratava disso: se fazia presente, uma vez mais, a fobia, como se nunca houvesse sido tocada.

Terceira dificuldade: Quando transitava, um fóbico, por estas vias sob a forma da histeria ou sob a forma de uma obsessão, ia-se constituindo, em lugar do cerco de medo que sói constituir o modo de relação com a realidade de um fóbico; ia construindo um cerco de duros, duros e firmes enunciados morais.

Duros e firmes enunciados morais, em relação aos quais busquei muito a possibilidade de circunscrevê-los a algumas das instâncias freudianas: Eu ideal, Ideal de eu, Supereu.

Creio que tenho elementos para pensar que não podem ser confundidos com os efeitos destas instâncias.

O Eu ideal, segundo a concepção de Freud na "Introdução ao Narcisismo", se forma por um deslocamento da imagem do eu, no mesmo plano. É deslocamento da imagem do Eu, é dizer que tem uma função de encenar através de uma alteridade, de uma heterogeneidade, pela via da imagem.

Alteridade e deslocamento, que falam de uma matriz simbólica.

O Ideal de eu já se forma por substituição. Está formado pelas vozes, pelas palavras - já estamos no terreno da metáfora -, e tem a função de montar a divisão subjetiva em uma alteridade, de onde chegariam as palavras.

Nos enunciados aludidos não se trata de consideração da alteridade, nem outro, nem Outro, nem de deslocamento, nem de metáfora.

Digo que não se trata disso: nem de palavras que chegam do Ideal, nem que chegam do Supereu; senão que seriam construções que se fazem com palavras, porém degradando a palavra, da categoria de significante, à categoria de mero signo.

Nisto consistem estes duros enunciados morais que vêm, em lugar do círculo do medo, a construir este círculo que circunda a vida de um fóbico.

Essas são as três dificuldades que tenho encontrado a respeito da fobia.

Volto a esse lugar de encontro.

Ali, entre isso que se me vinha colocando como esta topologia que não era metáfora, e na que tínhamos que situar-nos como analistas em relação a um sujeito que não era a metáfora do sujeito. E por outro lado, estas dificuldades da fobia.

Nesse encontro me surgiram - tenho que dizê-lo em pouco tempo, de modo que resumo um pouco - algumas teses referidas à fobia, e que podem ser ditas a partir do que mencionava como proposta de Lacan no Seminário XIII.

Aposto. Enuncio minhas teses:

1) Proponho pensar a fobia - primeira tese -, a experiência da fobia como uma experiência pontual. É uma experiência pontual.

Do mesmo modo como estamos acostumados a falar do "instante da Miranda", do "Augenblick" - esse termo de Kierkegaard retomado por Heidegger, que é o que, por sua vez toma Lacan -, é o que poderia dizer dessa pontualidade do despregar da estrutura visual. Pontualidade em que estão, já, os elementos da combinatória dessa estrutura.

Convido a determinar o alcance desse termo, "Augenblick", que significa "um piscar de olhos". "Augenblick" está formada por uma espécie de redundância de duas palavras alemãs. É o instante, por esse instante de ver.

É nestes termos que digo que a fobia, a experiência da fobia, é um instante. É pontual.

Tenho procurado determinar a estrutura desse instante. Não é por ser instantânea que não é uma estrutura.

2) Segunda tese: a construção do objeto fóbico, ou do objeto contrafóbico, que são os efeitos, se nos fazem mais aparentes, o mais conhecido da fobia.

Essa construção não é a fobia em si: essa é a saída do instante da fobia.

É a segunda tese que me animo a propor aqui na Escola de Montevideú.

A partir do modo de construir esta saída, podemos inferir algo da estrutura.

3) Terceira: a fobia, pontualmente, é uma estrutura determinada e determinável.

E é uma estrutura relacionada com uma falha na função da tela. Repito: com uma falha na função da tela.

E qual seria essa função da tela no contexto do Seminário XIII?

A função da tela seria a de dar uma certa consistência e sustentar certa consistência da realidade, sobre a que vem a escrever-se o traço, a letra, toda a estrutura da linguagem.

A função da tela na estrutura visual, nessa anterioridade - Lacan a nomeia como anterioridade - a linguagem, seria a possibilidade de uma consistência para que isso se escreva ali.

Nessa consistência me ocorre que estaria a falha na estrutura da fobia.

4) E a última tese, que me parece fundamental, é que encontro que, na fobia, não há nenhuma falha na Estrutura do Édipo, na estrutura significante.

Quero dizer: não há mais falha que em qualquer neurose. O que nos explica que tenda a conduzir-se adiante uma análise no campo da neurose, isto é, como qualquer outra neurose.

Nesse nível, ali não há falha. A falha está no apoio, no que vai escrever-se a estrutura do significante.

Essas são minhas teses. E as anotaria em uma linha que espero que possa abrir uma saída deste encontro que me tem atormentado e me tem comovido muito.

Aqui situaria estas teses:

Sem XIII

E então, como um retorno, aparece novamente a pergunta inicial.

A partir disso, de situar a falha em um campo que não é o do significante, reaparece a pergunta: como situar esta topologia, que não é do campo do significante? E como situarmo-nos, nós analistas, nessa topologia? Como situarmo-nos como analistas, nessa topologia que não é do campo da metáfora?

Vejamos.

Se nos situamos como Sq, para seguir as fórmulas de Lacan na transferência, encontro que não é desta topologia.

Se nos situamos suportando no momento necessário a função de Sujeito suposto Saber, não é desta topologia.

Como situarmo-nos enquanto analistas?

Nós nos situamos como o Outro, de onde lhe chega sua própria mensagem invertida? Não é desta topologia.

Situamo-nos no lugar do agente, como **a**, semblante de **a**, para constituir, para disparar o que se chama o "discurso do analista?" Não é desta topologia.

Como situarmo-nos, como analistas, nesta topologia?

Alguém que me havia avisado que não podia pagar-me nesse dia uma sessão, me perguntou se podia passar outro dia a deixar-me, por debaixo da porta, um envelope com o dinheiro.

Combinamos isso, e uma tarde, dois dias depois, chamou-me por telefone e me disse: " - Tenho o dinheiro. Posso ir ver-te?"

Disse-lhe que sim. Chegou, abri a porta, passou, me entregou o dinheiro.

Ao ver-me, abriu a carteira, pegou o dinheiro de outra sessão, e mo entregou.

Fechou a carteira e se foi.

Foi ver-me.

Como situar-me nesta topologia da estrutura visual, onde eu não era convocado enquanto olhada, onde eu não era convocado como Outro, onde eu não era convocado como o Sujeito suposto Saber, nem como o Sq?

Como situar-me nesta topologia, a qual Freud, ao instaurar seu método, deixa fora? A deixa fora. Deixa fora do campo da visão e deixa fora o campo da ação. Ao modo do sonho, quando apagamos as luzes, fechamos os olhos, nos imobilizamos pelo dormir, sob esse modo Freud propõe seu método, com o qual propicia o campo da linguagem indubitavelmente.

Porém, estes encontros me tem conduzido a esta outra topologia, e a perguntar-me como situar-me ali.

E verdadeiramente, há momentos nos quais sinto que estou fora da psicanálise, ao menos, da freudiana.

Quando digo essas apreciações sobre o que Lacan propõe, quando nega que a fobia seja uma estrutura, me sinto fora da psicanálise de Lacan também.

Porém, tem um ponto onde Lacan disse encontrar-se com Freud, ali nos lugares onde Freud não estava.

E creio que, neste encontro, também eu me tenho encontrado com os mestres nos lugares onde eles não estavam.

Alguém, um amigo francês, havia comentado de um analisante argentino que dizia: "A Argentina, para mim, é uma recordação que tenho que construir permanentemente, porque se me apaga permanentemente".

Se bem que não compartilhe do modo como ele teoriza essa experiência, o relato diz em que consiste o drama do fóbico, por essa falha na função da tela, que faz com que a realidade seja algo que tenho que construir permanentemente, porque se apaga permanentemente. E deve construir-lhe a consistência, para que aí se suportem as letras da estrutura da linguagem.

Vim, pois, para compartilhar com vocês minhas perguntas: o que poderíamos fazer, situando-nos de algum modo, nesta topologia sem metáfora? Se poderíamos fazer algo, como analistas, para que a vida de um fóbico seja algo mais que estar permanentemente criando, construindo os signos, que se lhe apagam permanentemente.

Chego até aqui. Transmito-lhes minhas perguntas e as críticas de vocês, para poder seguir adiante neste lugar tão estranho e tão solitário ao que me tem levado estas questões de minha clínica e de minhas leituras.

Tradução de *Anamélia Paranhos Macêdo*.